

# PNEUMATOLOGIA PENTECOSTAL: REVELAÇÃO DIVINA *OU* DESENVOLVIMENTO TEOLÓGICO?(?)

Pentecostal pneumatology: divine revelation or theological development? (?)

Raphaelson Steven Zilse<sup>1</sup>

## RESUMO

Analisando o desenvolvimento do *locus* pneumatológico de dois pentecostais (Antônio Gilberto e Mark McLean) em dois momentos tripartidos, este artigo intenta apresentar a inexorabilidade da condição histórica no fazer teológico. Primeiro, os pressupostos epistemológicos (hermenêutico-metodológicos) serão analisados. Em segundo lugar, não independente do ponto anterior, serão ressaltados alguns dos pontos teológicos que orientam o desenvolvimento teológico, mas, especificamente, as pneumatologias. Como terceiro momento, as consequências teológicas das posições estabelecidas até aqui serão examinadas, enfatizando as discrepâncias entre os autores, mesmo reivindicando uma “revelação divina” sobrenatural como fonte. Após, este artigo finda apontando o que poderiam ser prolegômenos indispensáveis para um desenvolvimento teológico a partir da condição contemporânea, ressaltando as novas consequências a partir de uma postura hermenêutica do fazer teológico.

**Palavras-chave:** Pneumatologia; Pentecostalismo; Epistemologia; Metodologia; Hermenêutica.

---

<sup>1</sup> Teólogo (FLT, São Bento do Sul - SC), Especialista em Filosofia Contemporânea (FACEL, Curitiba - PR), Mestrando em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia das Faculdades EST (São Leopoldo - RS), realizado com o apoio do CNPq - Brasil.

**ABSTRACT**

Analyzing the pneumatologic *locus*' development from two Pentecostals (Antônio Gilberto and Mark McLean) in two tripartite moments, this article intends to present the inexorability of the historical condition in the theologizing. First, the epistemological (hermeneutic-methodological) presuppositions will be analyzed. In second place, not independent from the preceding point, some theological themes that guide the theological development, specifically, the pneumatological, will be analyzed. As third moment, the theological consequences of the positions established until now will be examined, emphasizing the discrepancy between the authors, even though claiming a supernatural "divine revelation" as source. After, this article ends pointing what could be indispensable prolegomena for a theological development from the contemporary condition, emphasizing the new consequences from a hermeneutical theologizing posture.

**Keywords:** Pneumatology; Pentecostalism; Epistemology; Methodology; Hermeneutics.

**INTRODUÇÃO**

“O movimento pentecostal, reivindicando a atuação efetiva do espírito, dirige a nossa atenção para elementos soterrados e reprimidos de nossa própria tradição”.<sup>2</sup> Assim Hermann Brandt, teólogo luterano, inicia o primeiro capítulo de sua análise sobre a condição do desenvolvimento teológico acerca do Espírito Santo, citação que busca ressaltar a centralidade do Espírito Santo na teologia hoje e também para o próprio movimento pentecostal. Pode ser dito que este ponto define a essência do ser pentecostal, pois é nele que há o desenvolvimento da característica ênfase do pentecostalismo e sua mais legítima contribuição para o fazer teológico: a consciência do agir de Deus na história a partir de seu Espírito. Contudo, para uma maior relevância da pneumatologia desta tradição, ela necessita estar consciente dos diversos pontos de partida e pressupostos que nortearam o desenvolvimento primordial (do autor do texto bíblico) e norteiam o secundário (do intérprete do texto bíblico).

---

<sup>1</sup> BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p. 9.

Hoje, especialmente nos meios pentecostais, um desses pressupostos que negativamente influencia a abordagem bíblica e pré-estabelece uma reclusão teológica é um fundamentalismo baseado na reivindicação da sobrenaturalidade do agir do Espírito Santo em revelações aos autores que, inspirados desta maneira, externalizaram conteúdos divinos e suprahistóricos nos escritos bíblicos, fazendo com que estes, conseqüentemente, tornem-se divinos em si e possuidores de uma inerrante exposição da realidade do ser e do agir de Deus e de seu Espírito, compreensível, “simplesmente”, com uma leitura literal, ou, melhor dizendo, literalista,<sup>3</sup> dos textos.

Tendo isto em mente, o intento desta abordagem é analisar o desenvolvimento pneumatológico em dois teólogos pentecostais, membros das Assembleias de Deus, Antônio Gilberto<sup>4</sup> e Mark McLean.<sup>5</sup> Ao analisar os seguintes autores, não se busca a extração e apresentação de “erros doutrinários” ou “raízes heréticas”, mas sim trazer à tona alguns dos pressupostos norteadores que podem ficar obscuros numa leitura acrítica, especialmente por constantemente ocorrer uma reivindicação de suposta leitura literal (ou inspirada). Contudo, estes pressupostos, como será visto, podem, em alguns casos, estar inconscientes até mesmo no próprio autor.

Assim, este ensaio intenta demonstrar como pressupostos influenciam em todo o fazer teológico, consciente ou inconscientemente, o que,

---

<sup>3</sup> Este ensaio parte do pressuposto de que há uma distinção entre a leitura “literal” e a “literalista”, que reside naquela levando em conta o intento do autor, isto é, linguagem metafórica e simbólica no falar religioso, e esta imponto uma perspectiva de historicidade moderna da linguagem, numa interpretação “ao pé da letra”, não presente no ideário dos autores (ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 332).

<sup>4</sup> GILBERTO, Antônio. Pneumatologia: a doutrina do Espírito Santo. In: GILBERTO, Antônio (Ed.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2008. p. 171-244.

<sup>5</sup> MCLEAN, Mark. D. O Espírito Santo. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997. p. 383-404.

todavia, deve ser reconhecido como interno ao próprio fazer teológico, mas que, quando não conscientizados e criticamente analisados, correm o risco de mesclarem-se ao próprio Evangelho.

Apesar do aprofundamento posterior deste ponto, a análise crítica destes autores parte do pressuposto de que o fazer teológico deve estar hermeneuticamente consciente de que foi (primordialmente) e é (secundariamente) influenciado por determinado contexto, consequência da existência intrinsecamente hermenêutica do ser humano, especialmente, ao falar das reflexões da realidade última e do fundamento desta, Deus. Além disto, ao ter por ponto de partida testemunhos escritos destas reflexões, é requisitada a utilização de métodos que auxiliem criticamente na interpretação destes dentro de seus determinados contextos históricos, mas também, e acima de tudo, para uma autoconscientização, na medida do possível, dos próprios pressupostos do intérprete e consequente autocrítica.

Deste modo este breve ensaio busca compreender os pressupostos contidos nos prolegômenos teológicos desses dois autores do movimento pentecostal e algumas consequências desses pressupostos para suas pneumatologias, e, em determinados momentos, sua teologia como um todo. Portanto, não se abordará questões de Batismo com ou no Espírito Santo e nem questões dos Dons e Frutos do Espírito, mas, primariamente, a relação entre cada um destes seguintes pontos: ser humano, mundo, história, revelação, Bíblia, Espírito, Cristo e Deus.

A estruturação tripartida do artigo será feita a partir da divisão dos autores e subsequente análise de três pontos em cada: Pressupostos Hermenêutico- Metodológicos (a abordagem da epistemologia teológica, o conhecimento religioso como visão de mundo que interpreta a existência na relação com o próprio fazer teológico, respondendo à pergunta “o que é teologia?”), e também a natureza da Bíblia que, apesar de ser um pressuposto teológico, está relacionada à epistemologia teológica enquanto

direciona e é direcionada por esta a partir da posição frente ao seu ser), Pressupostos Teológicos (alguns desenvolvimentos teológicos recepcionados que, consciente ou inconscientemente, influenciam a leitura e interpretação textual e subsequente formulação doutrinária) e Conclusões Teológicas (análise crítica de algumas das consequências das formulações teológicas doutrinárias a partir dos pressupostos hermenêuticos e teológicos ressaltados). Então, busca-se esboçar prolegômenos para o que poderia ser um desenvolvimento pneumatológico a partir e para a realidade da Igreja hoje.

## 1 DESENVOLVIMENTO PNEUMATOLÓGICO DE ANTÔNIO GILBERTO

### 1.1 Pressupostos Hermenêutico-Methodológicos

Ao falar dos pressupostos hermenêutico-metodológicos parte-se de duas premissas. A primeira é a expansão feita pelo filósofo Martin Heidegger da noção e utilização do conceito de hermenêutica que vai para além do âmbito filológico, culminando no próprio fundamento ontológico do ser, fazendo com que a própria existência seja interpretativa, induzida a partir de visões de mundo que são a característica do ser-no-mundo e cujo cerne interpretativo é uma pré-estrutura de entender (pré-ter, pré-ver e pré-conceito) que torna todo ver em um ver-come.<sup>6</sup> Dentro disto, ao tratar de questões religiosas, da dimensão que “toca o homem em sua raiz ontológica”<sup>7</sup> e, portanto, “o capítulo fundamental da antropologia filosófica”,<sup>8</sup> busca-se compreender alguns dos pressupostos religiosos/teológicos que influenciam a visão de mundo e o desenvolvimento epistemológico que, em

<sup>6</sup> HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*. Oxford, UK: Blackwell, 2001. p. 189.

<sup>7</sup> ZILLES, Urban. *Filosofia da religião*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2009. p. 6.

<sup>8</sup> ZILLES, 2009, p. 10.

contrapartida, norteia o desenvolvimento teológico. Além desta noção mais abrangente de hermenêutica, como segunda premissa, há também a hermenêutica enquanto método interpretativo, um complexo estrutural que fundamenta a interpretação de uma fala escrita ou oral,<sup>9</sup> como desenvolvido por Schleiermacher em sua Teoria Geral da Hermenêutica, e a partir da qual a interpretação não é mais dada como algo óbvio, claro ao intérprete, mas é algo que deve ser desejado e buscado através da utilização de uma metodologia, até certo ponto, objetiva, mas sempre “tendo em mente que nunca é possível realmente afirmar que se entendeu alguma coisa até o fim”.<sup>10</sup>

Levando em conta estas duas definições do conceito de hermenêutica que este ponto pretende abordar a postura de Antônio Gilberto frente ao fazer teológico, buscando conceitos que podem ser tidos como chave de sua interpretação existencial religiosa e teológica, especialmente ao lidar com a relação entre razão e fé, história e revelação. A partir desta postura inicial, que pode ser tida como o conteúdo da primeira definição de hermenêutica, há consequências para a posição frente à segunda definição de hermenêutica, como método interpretativo. Dentro da relação epistemológica entre razão e fé e subsequente aceitação ou rejeição de metodologias interpretativas, é imprescindível, todavia, também compreender a noção da natureza da Bíblia, fundamental para entender o modo com o qual se abordarão estes escritos, isto é, com ou sem metodologias hermenêuticas, e também com o qual eles serão posicionados em questão de conhecimento (divino ou humano).

O primeiro pressuposto importante para a compreensão do desenvolvimento da pneumatologia por Antônio Gilberto é acerca da sua rela-

---

<sup>9</sup> KIMMERLE, Heinz. In: SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermeneutics: the handwritten manuscripts*. KIMMERLE, Heiz (Ed.). Georgia, USA: Scholars, 1997. p. 3.

<sup>10</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. Apud: GRONDIN, Jean. *Introdução à Hermenêutica Filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 1998. p. 126.

ção com a teologia como um todo, isto é, para compreender o desenvolvimento de uma pneumatologia deve-se compreender a postura ante o labor teológico, sua natureza, o que, em última análise, é a relação entre razão e fé, história e revelação, remetendo, então à epistemologia que é proporcionada por e proporciona a visão de mundo religiosa.

De forma geral, em Gilberto, a teologia enquanto estudo acadêmico e, portanto, racional, pode ser interpretado como algo negativo, postura concluída de sua interpretação de 2 Co. 10.10, dizendo que, “Paulo reconhecia que os mestres gregos o superavam em capacidade acadêmica e humana”,<sup>11</sup> mas, ainda assim, se exaltava, pois era guiado, em contrapartida, pelo “poder de Deus”. A interpretação de Gilberto desta passagem, todavia, não condiz com o próprio texto de 11.6, onde Paulo reconhece a validade e o nível de seu próprio conhecimento, e que pode ser deduzido como oriundo do suposto tempo de estudo sob o fariseu Gamaliel (At. 5.34, 22.3), o que pode claramente ser reconhecido como o estudo teológico de sua época.

Com a análise deste primeiro ponto pode-se ver como sua visão de mundo religiosa é construída sobre uma postura epistemologicamente dualista: academia = racional = história = matéria = negativo x “poder de Deus” = “irracional” = revelação = espiritual = positivo. Consequente a esta postura é sua crítica ao estudo acadêmico e a qualquer desenvolvimento teológico que possa buscar relacionar os polos que, em sua perspectiva dualista, são opostos.

Assim, como base para sua interpretação distorcida do texto apresentado está a busca pela fundamentação de sua visão de mundo religiosa dualista, opondo conhecimento “acadêmico” com o “sobrenatural” como “poder de Deus”, sendo suprahistórico e adverso à historicidade da razão

---

<sup>11</sup> GILBERTO, Antônio. *Pneumatologia: a doutrina do Espírito Santo*. In: GILBERTO, 2008, p. 175.

humana, tendo, assim, uma epistemologia dualista com baixa estima do conhecimento humano histórico e onde, por consequência, necessita-se da “intervenção sobrenatural” em qualquer falar sobre Deus. Outras evidências de sua posição contra o estudo teológico acadêmico é sua constante fala contra críticos bíblicos<sup>12</sup> e desenvolvimentos teológicos supostamente heréticos, como a Teologia da Libertação,<sup>13</sup> sem, todavia, em momento algum, explicitar alguma razão teológica e exegética objetiva (isto é, a partir de uma metodologia), apenas acusando de serem ensinos de “falsos mestres”,<sup>14</sup> por não condizerem com o que é dito, segundo sua própria leitura, na Bíblia, e, também, por deixarem se corromper ao usar métodos de interpretação, corrompendo, assim, a própria “doutrina do Senhor”.<sup>15</sup>

A partir das observações acima é inevitável interpretar que, como consequência, Antônio Gilberto interpreta inspiração como alguma forma de revelação divina sobrenatural (talvez até audível) e com um conteúdo suprahistórico, e esta o ponto de partida para a teologia, ou, seguindo sua lógica, para aquilo que não pode nem ser denominado como um “fazer teológico”, mas simplesmente como uma inerrante apreensão, compreensão e subsequente exposição da realidade divina.

Levando em conta este pressuposto epistemológico, onde conhecimento “revelado e espiritual” é contraposto e tem superioridade sobre qualquer conhecimento “acadêmico e humano”, pode-se compreender a necessidade de uma intermediação entre conhecimento divino e humano, ou melhor, algo que, pela sobreposição daquele, proveja a Verdade. Destarte ocorre a interpretação da natureza divina da Bíblia. Dada a importância dela como fonte para o conhecimento sobrenatural na teologia de Gilberto, sua análise ocorrerá neste ponto, para que, junto com o esclarecimento da

---

<sup>12</sup> GILBERTO, 2008, p. 189.

<sup>13</sup> GILBERTO, 2008, p. 175.

<sup>14</sup> GILBERTO, 2008, p. 175.

<sup>15</sup> GILBERTO, 2008, p. 201.

natureza do fazer teológico, se tenha o esclarecimento da natureza do principal objeto de pesquisa e a forma de abordagem deste.

Para iniciar o tópico sobre a Bíblia, é interessante a citação de Antônio Gilberto por Claudionor Corrêa de Andrade, autor do *locus* sobre a Bibliologia nesta mesma sistemática, acerca da “origem divina da Bíblia”: “*É a revelação de Deus à humanidade. Seu autor é Deus mesmo. Seu real intérprete é o Espírito Santo. Seu assunto central é o Senhor Jesus Cristo*”.<sup>16</sup> Apesar de estas afirmações poderem ser interpretadas teologicamente, é possível compreender que, levando em conta o visto até aqui, Gilberto toma os conceitos destas afirmações a partir de uma linguagem não metafórica, não simbólica, e não teológica, mas, “ao pé da letra” e, assim, pode-se dizer que ele concordaria com a definição de Andrade no Dicionário Teológico sobre a inspiração divina da Bíblia: “Ação sobrenatural do Espírito Santo sobre os escritores sagrados, que os levou a produzir, de maneira inerrante, infalível, única e sobrenatural, a Palavra de Deus”.<sup>17</sup> É importante notar que esta intervenção ocorreu no momento em que os escritos bíblicos foram propriamente redigidos, e não apenas no evento que teria sido experienciado, inspirando o testemunho de fé, mas tornando, portanto, estes escritos formalmente divinos, fazendo esta exposição das realidades sobrenaturais (e até naturais, como a criação relatada em Gênesis) inerrante e, portanto, inquestionável.

Esta posição acerca da natureza da Bíblia (efeito de sua epistemologia dualista) tem por implicação a suposta não necessidade de uma metodologia hermenêutica na interpretação, pois as verdades inerrantes da Bíblia são reveladas, inerrantemente, pelo verdadeiro autor, o Espírito Santo, ao redator, que tem a tarefa de simplesmente exteriorizá-las, restan-

<sup>16</sup> GILBERTO apud: ANDRADE, Claudionor C. *Bibliologia: a doutrina das Escrituras*. In: GILBERTO, 2008, p. 26. (ênfase do autor).

<sup>17</sup> ANDRADE, 2008, p. 31.

do ao intérprete uma leitura, supostamente, literal. Como consequência desta posição, de Deus e o Espírito Santo como autores da Bíblia, a leitura dos textos não distingue entre autores ou contextos históricos, não levando em conta a individualidade das reflexões, mas vê no conjunto dos escritos bíblicos uma “unidade” que deve ser interpretada como o conteúdo divino sobrenaturalmente dado ao ser humano.

Assim, pode-se ver como o pressuposto epistemológico dualista do fazer teológico de Gilberto dá fruto a uma abordagem altamente questionável da Bíblia, forçando textos e conceitos a partir de uma única perspectiva, implicando num fundamento doutrinário exclusivista e conflitante com qualquer teologia que busque relevância no mundo contemporâneo através da renovação de sua linguagem numa inserção acadêmica em busca do conhecimento hermeneuticamente consciente que proveja fundamentos ecumenicamente e eticamente responsáveis.

Para compreender melhor este fundamento doutrinário exclusivista, a seguir, serão analisados temas teológicos que influenciam a própria epistemologia dualista e servem de chave na leitura bíblica e subsequente desenvolvimento teológico e doutrinário, explicitando, assim, a falibilidade da postura reivindicada por Gilberto de uma suposta neutralidade teológica e mera extração doutrinária a partir de uma leitura literal(ista) da revelação inerrante que é o conjunto da Bíblia.

## **1.2 Pressupostos Teológicos**

Os temas teológicos analisados neste ponto serão, inicialmente, oriundo e, ao mesmo tempo, base da posição epistemológica apresentada, o fundamentalismo bíblico, para, então, buscar compreender a concepção de Trindade em sua relação com o ser e com a história, focando, posteriormente, no Espírito Santo, o *proprium* deste *locus*. Estes pontos foram os escolhidos para ressaltar a existência de pressupostos recebidos, conscien-

te e/ou inconscientemente, de outras estruturas teológicas, apresentando, portanto, a pneumatologia de Gilberto como fruto de sua visão de mundo religiosa ancorada em determinados desenvolvimentos teológicos históricos, assim sendo, contrária e conflitante com a reivindicação de sua estrutura como extração da revelação, escrita pelo próprio Espírito, e, isenta de pressupostos teológicos, mera exposição da verdadeira doutrina.

Ao falar da Bíblia, como dedutível do exposto acima, em nenhum momento Gilberto fala de métodos de interpretação, mas, até pelo contrário, critica os críticos,<sup>18</sup> pressupondo que o verdadeiro significado de determinado texto estaria explícito, ou, em determinados casos, extraível com o auxílio do Espírito Santo, numa “manifestação de conhecimento sobrenatural pelo Espírito Santo”,<sup>19</sup> sendo irrelevante, então, a crítica literária, e, pode-se dizer, até mesmo contra o intento do autor, Deus. Contra as interpretações humanas, fala-se do não falsificar a palavra de Deus,<sup>20</sup> sendo fundamental “a predominância da doutrina do Senhor [que] corrige erros, evita confusão e repara estragos”,<sup>21</sup> doutrina extraída de textos bíblicos que, pela inspiração, são “claros”, proporcionando, assim, a possibilidade da “pura exposição da Palavra de Deus”.<sup>22</sup> Sendo a Bíblia, como dito acima, sobrenaturalmente inspirada e, em si, divina, destarte, inerrante, parte-se do princípio de uma leitura literal, o que, todavia, pode ser considerada literalista, já que em muitos casos não leva em conta o intento literal do próprio autor humano que, a exemplo de escritos proféticos, poder falar numa linguagem metafórica, onde o literal seria a, interpretação a partir deste gênero literário, e não tomando as figuras de linguagem por descrições de fatos.

---

<sup>18</sup> GILBERTO, 2008, p. 189.

<sup>19</sup> GILBERTO, 2008, p. 197.

<sup>20</sup> GILBERTO, 2008, p. 180.

<sup>21</sup> GILBERTO, 2008, p. 201.

<sup>22</sup> GILBERTO, 2008, p. 185.

Como consequência da compreensão literalista da linguagem, não se pode reconhecer como válidas interpretações bíblicas que falem de figuras de linguagem nestes escritos, a exemplo de Atos 2.2, onde, na interpretação de Gilberto, a partir de uma leitura literalista, não se pode referir a uma linguagem metafórica, assim mesmo que “não houve vento natural”, houve “algo semelhante a seus efeitos sonoros”.<sup>23</sup> Contudo, como incoerência de seus próprios pressupostos, revelando a subjetividade e falibilidade de sua metodologia de leitura literalista, há também a escolha de textos que deveriam ser lidos literalmente, a exemplo do mesmo capítulo de Atos no versículo seguinte, o 3, relatando das “línguas de fogo” que desceram concomitantemente com os “ventos” e que “pousou uma sobre cada um deles”, e que, enquanto que numa leitura literalista o vento poderia ser tido como “efeitos sonoros audíveis”, as línguas visíveis que desciam deveriam ser lidas como linguagem figurada para o “falar em línguas”, e, portanto, não literalmente como algo de fato visível.<sup>24</sup>

Um segundo aspecto que é fundamental e que também serve de pressuposto na interpretação pneumatológica feita por Gilberto é a sua concepção da Trindade e, mais especificamente, de seu agir na história e no mundo. O conceito chave para a compreensão deste pressuposto pode ser visto já na segunda página de seu capítulo: *dispensação*. Apesar de este termo poder ser interpretado de diversas formas pela sua abrangente definição, a exemplo de ser a *entrega* do Espírito Santo por Deus ao mundo, é em seu uso teológico a partir do século XIX, no desenvolvimento de um movimento fundamentalista com este nome (dispensacionalismo<sup>25</sup>), que se pode compreender a consequente ênfase e até unilateralidade na leitura do agir do Espírito Santo no desenvolvimento feito por Gilberto e que

---

<sup>23</sup> GILBERTO, 2008, p. 182.

<sup>24</sup> GILBERTO, 2008, p. 183.

<sup>25</sup> BASS, Clarence B. *Backgrounds to Dispensationalism*. Michigan, USA: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960, p. 16-17.

restringe seu agir numa “nova dispensação”. A partir deste princípio teológico, o agir de Deus é interpretado com uma cronologia de dispensações, cujo ponto de partida básico é que “Deus trabalha por diferentes princípios com a humanidade em diferentes dispensações”,<sup>26</sup> não apenas como novas revelações, mas como novos modos. Segundo Cyrus Scofield, um dos principais divulgadores desta linha, dispensação é “um período de tempo durante o qual o homem é testado a respeito de sua obediência a alguma revelação específica do desejo de Deus”.<sup>27</sup>

Para Gilberto, a humanidade vive numa nova dispensação feita por Deus que reivindica santidade, tendo por principal consequência a presença efetiva do Espírito Santo. Este princípio pode ser visto na consequente interpretação do início do agir do Espírito Santo a partir da era do Novo Testamento, mais especificamente, em seu envio em Pentecostes.

Dentro desta perspectiva de Trindade (re)trabalhada por Gilberto, o Espírito Santo deve ser interpretado como o sujeito e objeto dessa nova “revelação específica do desejo de Deus” a partir do Novo Testamento, em especial quando se compreende a definição da missão do Espírito Santo como “santificar-nos [espiritualmente interpretado] nesta dispensação”.<sup>28</sup> A evidência mais explícita desta nova dispensação como chave hermenêutica em sua leitura teológica é a concepção de Gilberto de que o Espírito Santo no Antigo Testamento apenas habitava *entre* o povo, enquanto que, por causa deste novo agir de Deus na história, desta nova dispensação, o Espírito Santo habita *no* crente.<sup>29</sup> Como consequência, esta estrutura teológica dispensacionalista impossibilita o agir do Espírito no Antigo Testamento de forma análoga à apresentada no Novo Testamento, sendo também chave de interpretação de textos proféticos, como Joel 2.28, onde

<sup>26</sup> BASS, 1960, p. 19. (tradução própria).

<sup>27</sup> SCOFIELD, Cyrus I. apud: BASS, 1960, p. 19. (tradução própria).

<sup>28</sup> GILBERTO, 2008, p. 174.

<sup>29</sup> GILBERTO, 2008, p. 187.

seria uma profecia do (completamente) novo agir futuro de Deus no mundo numa nova dispensação. Apesar desta postura, em seu texto, Gilberto ainda diz que “o Espírito Santo, vivificou, ordenou, pôs tudo, todo o universo, em ação: desde a partícula infinitesimal e invisível até ao supermacroscópico objeto existente”,<sup>30</sup> afirmação oriunda apenas da realidade pneumatológica mais ampla testemunhada em diversos lugares na Bíblia, e que seria fundamental para um desenvolvimento pneumatológico mais consciente e responsável, mas que, justamente por não condizer com outros pressupostos da estrutura teológica de Gilberto, em nenhum momento ao longo de sua estrutura pneumatológica é levada em conta para além desta citação.

### **1.3 Conclusões teológicas**

A partir do exposto pode-se ver que Gilberto desenvolve sua pneumatologia essencialmente a partir destes pressupostos teológicos que tem por base uma epistemologia dualista, como limitação do conhecimento humano carente da intervenção sobrenatural divina, o que influi numa leitura literalista da Bíblia, produto desta intervenção, fazendo com que, caso realmente reconheça-se isento de influências teológicas humanas, mero leitor e expositor da revelação divina inerrante, tais pressupostos dualistas e fundamentalista, apesar de determinantes em seu pensar, são inconscientes.

Uma das maiores dificuldades que pode ser ressaltada nessas conclusões teológicas é que, a partir do desenvolvimento lógico desses pressupostos como apresentados anteriormente, Gilberto é impossibilitado de reconhecer qualquer interpretação divergente da sua como passível de veracidade, pois, ou a dele, ou a do outro estará interpretando de forma errante aquilo que supostamente é inerrante, assim, alguém estará distorcendo a

---

<sup>30</sup> GILBERTO, 2008, p. 179.

verdade literal que seria a revelação sobrenatural do Espírito Santo compondo a Bíblia.<sup>31</sup> Poderia ser dito que há questões que Gilberto até reconheceria como secundárias numa estrutura teológica (apesar de nenhuma ser explicitada como tal), contudo, isto é mais complicado quando seu próprio pressuposto da natureza do fazer teológica e da Bíblia são questionados.

Como consequência desta posição epistemológica altamente excludente, há uma imposição teológica feita por líderes que, pelo desenvolvimento teológico subjetivo e isento de métodos objetivos, reivindicam autoridade interpretativa por uma suposta autoridade espiritual oriunda da posição hierárquica. Assim, os desenvolvimentos teológicos consequentes do emaranhado de pressupostos são elevados à doutrina revelada e inquestionável pela suposta leitura literal das verdades bíblicas, resultando numa subsequente recepção (passiva ou opressiva [?]) pelos fieis que são obrigados a viver presos a essas doutrinas numa reclusão existencial como consequência. Esta posição tem implicações diretas a qualquer tentativa de diálogo ecumênico (intracristão), tanto impossibilitando este, quanto criticando os que busquem realiza-lo, tudo isto, contudo, como mera consequência destas posturas epistemológicas e teológicas. Com isto, há também uma inevitável recusa, e talvez até impossibilidade, da existência social consciente, que requer uma postura crítica frente a estruturas opressoras, reduzindo a igreja a uma mera vivência interna que, pela limitação hermenêutica imposta, vive sem ver a dimensão abrangente na qual o Espírito de Deus age em suas vidas e no mundo.

Isto remete ao último ponto, inevitável consequência teológica do agir do Espírito Santo a partir destes pressupostos hermenêutico-metodológicos e teológicos. Apesar de último, ele pode ser encarado como o principal ponto teológico a ser criticado, fruto direto da maior influência teológica exercida sobre Gilberto, o dispensacionalismo.

---

<sup>31</sup> GILBERTO, 2008, p. 154.

A partir do desenvolvimento teológico desta doutrina, ainda há uma limitação do agir do Espírito Santo iniciado em Pentecostes, e isto, ainda que pareça haver certa consciência de seu agir no Antigo Testamento (e além dele), mas que, na realidade, é quase excluído (ou ocultado [?]) pela impossibilidade pré-estabelecida no sistema fechado já estruturado, restando, então, apenas a formulação da pneumatologia a partir da leitura neotestamentária, contudo, ainda através de uma escolha, leitura e interpretação subjetiva de textos bíblicos com a subsequente formulação e exposição dos desenvolvimentos teológicos como doutrinas inquestionáveis.

## **2 O DESENVOLVIMENTO PNEUMATOLÓGICO DE MARK D. MCLEAN**

### **2.1 Pressupostos Hermenêutico-Methodológicos**

Anteriormente mostrou-se como os pressupostos hermenêutico-metodológicos e teológicos do desenvolvimento pneumatológico de Antônio Gilberto, mesmo que contidos apenas implicitamente, estruturalmente direcionam-no em sua leitura literalista da Bíblia, enxergando, assim, apenas aquilo que sua lente hermenêutica o possibilita ver em seu horizonte. Contudo, é acima de tudo na comparação com a pneumatologia de Mark D. McLean que se pode ver a historicidade e subjetividade do desenvolvimento teológico também pentecostal, apesar da reivindicação de uma inspiração sobrenatural pelo Espírito Santo de um conteúdo suprahistórico, ao mostrar a existência de divergentes interpretações pentecostais da Bíblia que podem, até mesmo, ser mutuamente excludentes.

A afirmação fundamental de Mark D. McLean que pode dar luz ao seu pressuposto epistemológico, e que em momento algum é perceptível (explícita ou implicitamente) no desenvolvimento teológico de Gilberto, é de que “ninguém compreende plenamente o Deus infinito ou seu infinito

Universo”.<sup>32</sup> Por mais simples e óbvia que esta afirmação possa parecer, ela em nenhum momento é aludida na pneumatologia de Gilberto, ou mesmo pode ser tida como consequência lógica de sua estrutura que, em contraposição, expõe uma compreensão fechada do agir de Deus na história através da ótica do dispensacionalismo e do fundamentalismo. Mais importante, todavia, é compreender que neste ponto está implícita a compreensão de McLean de que não apenas o ser de Deus é plenamente incompreensível, ou meramente seu agir futuro desconhecido ao ser humano, mas também o próprio agir passado e presente de Deus, apenas parcialmente conhecidos, fazendo com que a realidade da interação triádica Deus-mundo-ser humano seja abscondida a este.

Além desta limitação interna da epistemologia teológica, McLean, aproximando a teologia a um fazer teológico historicamente consciente, reconhece a existência de elementos contextuais que denomina de “não normativos” e que são pressupostos hermenêuticos inatos, isto é, “elementos não-bíblicos que se vêm infiltrando no [sic] ambiente cultural onde vive o cristão”,<sup>33</sup> e assim, deixando aberta até mesmo a possibilidade de interpretações errôneas fazerem parte da doutrina popular da Igreja, influenciando o desenvolvimento teológico e, conseqüentemente, a prática de vida da comunidade.

Exemplo utilizado é Pedro e Cornélio, onde aquele, a princípio, estava sob uma “interpretação errônea” da Lei,<sup>34</sup> tendo sua prática influenciada por uma teologia com pressupostos não normativos. Assim, até aqui, pode ser dito que McLean reconhece a incapacidade humana do falar pleno sobre Deus, mas que, como necessidade, ainda o faz. Neste falar, além disto, estão presentes aspectos hermenêuticos, isto é, contextuais e exis-

---

<sup>32</sup> MCLEAN, Mark. D. O Espírito Santo. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997, p. 390.

<sup>33</sup> MCLEAN, 1997, p. 390.

<sup>34</sup> MCLEAN, 1997, p. 384.

tenciais, que influenciam na interpretação da Bíblia e do agir de Deus, e, portanto, intrínsecos na teologia enquanto fazer teológico.

Não obstante, mesmo reconhecendo toda esta influência externa sobre o indivíduo, trazendo consequências na leitura bíblica e formulação teológica, ela é apenas vista como negativa, e não é levada a cabo no fazer teológico de forma positiva, mas, no fim, ainda recorre a um desenvolvimento teológico como *Teologia*, onde o Espírito Santo “pode e irá ajudar todo crente a interpretar e compreender corretamente a Palavra de Deus e a sua obra contínua neste mundo”,<sup>35</sup> e, assim, pode-se dizer que o próprio McLean anula todo o desenvolvido até agora, também perceptível ao dizer que: “O Espírito Santo, dentro em nós, começa a esclarecer as crenças incompletas e errôneas sobre Deus, sua obra, seus propósitos, sua Palavra, o mundo, crenças estas que trazemos conosco ao iniciarmos nosso relacionamento com Deus”.<sup>36</sup> Para McLean, desta forma, esses pressupostos que carregamos com nosso ser, que torna a teologia um fazer histórico e contextual, são “esclarecidos”, reivindicando, no final das contas, a assimilação de um conteúdo suprahistórico, apesar de “jamais completada neste lado da eternidade”.<sup>37</sup> Como consequência disto, há também a noção de uma “revelação progressiva” de Deus sobre seu agir,<sup>38</sup> revelação que tem por conteúdo uma nova compreensão do agir, totalmente divergente, todavia, da noção do agir dispensacionalista de Gilberto, onde, ao invés de compreensão, um novo agir toma lugar.

Consequente a uma postura hermenêutica da existência ante o divino, estaria a compreensão da interpretação do agir de Deus como, até certo ponto, relativa e contextual. Com a permanente abertura a revelações sobrenaturais pelo Espírito Santo, permanecendo numa epistemologia dualista,

---

<sup>35</sup> MCLEAN, 1997, p. 398.

<sup>36</sup> MCLEAN, 1997, p. 397.

<sup>37</sup> MCLEAN, 1997, p. 397.

<sup>38</sup> MCLEAN, 1997, p. 386.

isto já não pode ser assim, e, quando elas ocorrem aos autores bíblicos, seus escritos se tornam detentores desta revelação sobrenatural, onde, por sua origem divina, assim como Deus, ninguém “conhece ou entende com perfeição cada palavra”.<sup>39</sup>

Acerca da inspiração que teria levado à redação bíblica, a nota de número 5 da página 730 diz que, em relação à abdicação das leis da lógica frente à auto revelação de Deus de sua essência trinitária, “o mesmo problema ocorre com as doutrinas da encarnação e da inspiração”.<sup>40</sup> Assim, na própria natureza da Bíblia há aspectos divinos, cujo conteúdo suprahistórico, através do auxílio do Espírito Santo, é esclarecido ao intérprete para formar uma *Teologia*.

Apesar do desenvolvimento bibliológico de McLean conter paralelos com a de Gilberto, essencialmente por ainda ser um meio sobrenatural da revelação de Deus, McLean reconhece, diferentemente de Gilberto, que há pressupostos subjetivos e individuais que orientam o intérprete na leitura bíblica e reconhece que “nossas interpretações da Bíblia são por demais e freqüentemente [sic] falíveis”.<sup>41</sup> Assim, mesmo que possivelmente não reconheça plenamente os pressupostos subjetivos e individuais do próprio autor na redação dos escritos bíblicos, ele reconhece pressupostos no leitor que faz com que seja requerido, na tentativa de não deixar a interpretação numa subjetividade, “o estudo e a aplicação de regras sadias de interpretação”, caso contrário, “nosso modo de entender a Bíblia – nossa regra infalível da fé e conduta – ficará carregado de erros”.<sup>42</sup> Não obstante, ainda há a reivindicação de superioridade daquela teologia que se deixa “esclarecer” pelo Espírito Santo, o que, conseqüentemente, pode também levar à posturas defensivas ante outras posições teológicas que possam contradizer aspectos dessa que se diz “esclarecida”.

---

<sup>39</sup> MCLEAN, 1997, p. 390.

<sup>40</sup> MCLEAN, 1997, p. 730.

<sup>41</sup> MCLEAN, 1997, p. 384.

<sup>42</sup> MCLEAN, 1997, p. 398.

Isto pode ser visto na postura tomada por McLean referente ao estudo teológico acadêmico, perceptível especialmente ao falar de ataques que “secularistas e acadêmicos teologicamente liberais” fazem à “crença bíblica tradicional num Deus pessoal”, onde aqueles buscam a “abolição da totalidade da religião”,<sup>43</sup> e estes “que sejam desmontados os elementos tradicionais da fé judaico-cristã”.<sup>44</sup> Além disto, uma das principais conclusões que podem ser feitas a partir de seus escritos é que, na ótica de McLean, os teólogos liberais estão numa luta pessoal contra Deus e o Espírito Santo, onde até mesmo, sem nenhuma razão exegética e metodologicamente objetiva, modificam traduções de textos em seu favor, exemplificado com Gênesis 1.2, onde versões mais atuais, supostamente não apenas substituindo, mas numa batalha contra o Espírito de Deus, diriam “um vento poderoso”.<sup>45</sup> Conforme McLean:

Os tradutores, tendo resolvido que o Antigo Testamento não contém o mínimo vestígio do Espírito Santo como agente na criação, conforme se acha no Novo Testamento, *simplesmente* mudaram “espírito” para “vento”, e “Deus” para “forte”.<sup>46</sup> (ênfase própria).

Desta forma, apesar de pressupostos claramente divergentes dos de Gilberto, tendo por consequência uma posição hermenêutica mais consciente, requisitando uma metodologia interpretativa como auxílio na interpretação bíblica, McLean ainda se prende a uma *Teologia* ao reivindicar uma revelação sobrenatural, não apenas na redação bíblica (apesar da conceituação de infalibilidade, ao invés de inerrância, como será visto),

<sup>43</sup> MCLEAN, 1997, p. 384.

<sup>44</sup> MCLEAN, 1997, p. 402.

<sup>45</sup> A Bíblia de Jerusalém traduz אֱלֹהִים רוּחַ como: “sopro de Deus”. Contudo, na nota d deste versículo sobre esta fórmula, ela diz que: “Poder-se-ia traduzir por ‘grande vento’ (ver também [3.].8, que emprega o mesmo termo *ruah*). Não é preciso ver aí uma afirmação do papel criador do espírito de Deus. A ideia [sic] não aparece muito no Antigo Testamento. Aqui ela quebraria a descrição do caos e tiraria toda a novidade da intervenção de Deus.” *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008.

<sup>46</sup> MCLEAN, 1997, p. 384.

mas também no intérprete que é iluminado (esclarecido) pelo Espírito Santo. A consequência é a legitimação da superioridade de uma teologia que reivindique ser esta interpretação iluminada, possivelmente o que levaria a questionar a tradução de um texto bíblico que aparentemente contradiz aquilo que seria reivindicado por essa teologia “iluminada”, mais especificamente, a *sua* teologia.

Apesar desta conseqüente dificuldade para o diálogo, ela ainda mantém-se num nível muito abaixo da conseqüente impossibilidade na teologia de Gilberto que, como visto acima, nem sequer deixaria aberta a possibilidade de interpretações errôneas, mas sim a existência de “distorções”. Não obstante, são nos pressupostos teológicos que podem ser vistas as principais divergências entre a pneumatologia de Gilberto e a de McLean.

## 2.2 Pressupostos Teológicos

Assim como com Gilberto, o primeiro ponto a ser desenvolvido nos pressupostos teológicos é a conseqüente utilização e validade da Bíblia como ferramenta no fazer teológico a partir sua natureza. Como visto, distinguindo-se de Gilberto, que nem cita métodos interpretativos, McLean reconhece tanto a necessidade de “regras sadias de interpretação”<sup>47</sup> quanto a existência de diferentes tipos, como o método histórico-gramatical e alegórico. Contudo, surge a pergunta do que recairia sob o conceito de “sadio”, e, corroborando com uma possível definição mais conservadora, estão as críticas aos “teólogos academicamente liberais” que questionariam certas posições teológicas defendidas por McLean.

Uma escolha conceitual que deve ser analisada, pois pressupõe diferentes posições teológicas e implica em diferentes práticas, é a reivindi-

---

<sup>47</sup> MCLEAN, 1997, p. 398.

cação por McLean de uma infalibilidade da Bíblia, em contraposição à inerrância proposta por Gilberto. Nas últimas páginas da sistemática organizada por Stanley Horton, há um glossário com conceitos chave para orientar no esclarecimento teológico. Lá estão tanto *inerrância* quanto *infalibilidade*. Aquela é definida como “a verdade sem o mínimo erro, de nenhum tipo” enquanto que esta é “a impossibilidade de a Bíblia errar”.<sup>48</sup> Apesar das definições vagas, é possível compreender alguns pressupostos: naquela, a veracidade divina encontrar-se-ia na forma com a qual a fala é expressa, a própria formulação linguística, enquanto que nesta, ela recairia mais sobre o conteúdo, o intento da formulação. Consequente a estes pontos de partida, um nem sequer cita métodos hermenêuticos, enquanto que o outro convoca à utilização de auxílios interpretativos para a compreensão do conteúdo, isto é, pela compreensão da contextualidade, até certo ponto, de cada escrito bíblico e individualidade de determinado autor.

Também como consequência desta contraposição entre forma e conteúdo está a disparidade frente ao uso de linguagem metafórica e sua subsequente interpretação. Como visto com Gilberto, na interpretação de Atos 2, as figuras de linguagem utilizadas aqui, como por exemplo, o “vento impetuoso”, na realidade, não são e nem podem ser figuras de linguagem, que expressam uma experiência subjetiva e existencial, mas devem ser entendidas como descrição literal de eventos concretos. Por outro lado, com McLean, a Bíblia não só utiliza uma linguagem figurada, exemplificado com o próprio texto de Atos 2, mas reconhece a validade desta forma linguística ao dizer que “símbolos oferecem quadros concretos de coisas abstratas [...] Tais símbolos representam realidades intangíveis, porém genuínas”.<sup>49</sup> Desta forma, enquanto que em Gilberto a linguagem é descrição da realidade sobrenatural e das insurgências miraculosas no tempo e espaço, McLean reconhece a linguagem como uma representação desta reali-

---

<sup>48</sup> MCLEAN, 1997, p. 792.

<sup>49</sup> MCLEAN, 1997, p. 387.

dade, que, por provir da linguagem humana, possui também limitações em conteúdo (condizente, assim, com sua epistemologia mais histórica) e forma (condizente, assim, com a necessidade de princípios interpretativos).

Pela consciência de Deus como “um Ser infinito que está para além da compreensão de suas criaturas finitas”,<sup>50</sup> MacLean parte da Trindade econômica para falar de Deus, isto é, não em seu ser, mas em seu agir. Se em Gilberto, como visto, o agir de Deus difere ao longo de suas diversas dispensações, McLean diz que ao longo da relação Deus-mundo-ser humano não há novas formas do agir de Deus a partir de novos momentos cronológicos, isto é, um novo modo de agir a partir de e dentro de um tempo determinado, mas, a partir de uma nova revelação de Deus, compreendida a partir da doutrina da *revelação progressiva*,<sup>51</sup> há novas formas de compreender o agir passado a partir deste novo presente, criando uma retroprojeção hermenêutica, que deve, em contrapartida, direcionar o futuro.

Como centro fundamental desta relação Deus-mundo-ser humano está a presença do Espírito Santo desde a criação, pois, “sem a atividade contínua de Deus, mediante o Espírito Santo, seria impossível conhecermos a Deus”.<sup>52</sup> Como consequência disto, McLean cita Horton dizendo que “tiremos totalmente de nossa mente a impressão de que o Espírito Santo não entrou no mundo antes do dia de Pentecostes”.<sup>53</sup> Com esta visão mais abrangente do agir do Espírito como pressuposto teológico, que inclui sua ação desde a criação, em oposição à dispensação de Gilberto, McLean reconhece a presença dele não apenas *entre* o povo veterotestamentário, como atesta Gilberto, mas também *no* povo: “Não tem fundamento a ideia [sic] de que o Espírito Santo era inativo entre os leigos do Antigo Testamento”.<sup>54</sup>

---

<sup>50</sup> MCLEAN, 1997, p. 385.

<sup>51</sup> MCLEAN, 1997, p. 386, 395.

<sup>52</sup> MCLEAN, 1997, p. 385.

<sup>53</sup> HORTON, Stanley apud: MCLEAN, 1997, p. 390.

<sup>54</sup> MCLEAN, 1997, p. 395.

Corroborando com esta distinta interpretação teológica do agir de Deus através do Espírito, na interpretação de Joel 2, divergindo da de Gilberto, que remete à uma realidade futura, McLean diz que “a promessa não é de uma mudança de atividade do Espírito de Deus, ou na qualidade desta. É profetizada a mudança na quantidade e no escopo da atividade”.<sup>55</sup>

### **2.3 Conclusões teológicas**

O requisito da utilização de métodos interpretativos, como defendido por McLean, fecha muitas portas para distorções exegéticas consequentes de uma imposição subjetiva ao texto, de pressupostos epistemológicos e teológicos às vezes inconscientes, por uma suposta leitura literal da revelação expressa na Bíblia e, portanto, inquestionável. A relação com a Bíblia a partir de McLean é muito diferente da de Gilberto, acima de tudo por ser perceptível nele o reconhecimento de limitações hermenêuticas, o que dá margem a um diálogo teológico mais ecumenicamente responsável e, conseqüentemente, a uma nova postura de vida prática que pode resultar numa maior relação teológica dos líderes com o povo, do povo com os líderes, e destes com as outras igrejas cristãs numa construção teológica.

Além deste novo pressuposto hermenêutico-metodológico, e também como consequência, a principal distinção teológica entre as duas estruturas encontra-se no próprio desenvolvimento pneumatológico. Esta nova posição tem por conteúdo uma perspectiva mais abrangente do agir do Espírito que é levada a cabo na estrutura teológica, e não apenas citada, como ocorre com Gilberto. A visão crítica do fazer teológico de McLean, com uma necessidade de métodos interpretativos, faz o autor questionar, até certo ponto, seus próprios pressupostos, resultando numa leitura

---

<sup>55</sup> MCLEAN, 1997, p. 391.

metodológica e receptiva da Bíblia, levando em conta os testemunhos expostos nela, sem ocultá-los ou distorcê-los por um sistema teológico como imposição de uma perspectiva pré-deterministicamente exclusivista.

Não obstante, apesar de seu trabalho exegético até certo ponto crítico, é possível perceber que a leitura bíblica da pneumatologia ainda é influenciada por pressupostos teológicos históricos, mais especificamente, fundamentalistas, a exemplo da natureza divina da Bíblia. Estes podem ser atestados ao ver a interpretação do autor acerca do agir veterotestamentário do Espírito de Deus a partir de Joel 2.28-29. Aqui, a princípio, McLean fala explicitamente contra uma posição teológica que interprete este texto como uma profecia de “eras” futuras, na qual o Espírito Santo iniciaria seu agir apenas após o Novo Testamento.

Assim, segundo McLean, a partir de sua leitura, Joel 2.28-29 estaria referindo-se não a uma inserção nova no Espírito Santo, mas uma ampliação de sua ação, não uma mudança qualitativa, mas sim quantitativa. Neste ponto, portanto, pode-se ver a discordância hermenêutica com a posição de Antônio Gilberto. Contudo, apesar desta crítica a uma reclusão do agir pneumatológico a partir do Novo Testamento, abrangendo-a para o Antigo Testamento, esta é apenas relativa, pois o autor defende que a “natureza radical da promessa é vista claramente na inclusão de filhas e de escravos e escravas”,<sup>56</sup> ou seja, para ele, o agir do Espírito de Deus no Antigo Testamento ainda é limitado, todavia, é uma limitação social e de gênero, isto é, o agir do Espírito no Antigo Testamento é “sobre os filhos, jovens e velhos, cidadãos livres de Israel”, pois “uma coisa é Yahweh derramar o seu Espírito sobre os filhos, jovens e velhos cidadãos livres de Israel. Mas é coisa bem diferente se Ele o derrama sobre pessoas consideradas meros bens de família”.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> MCLEAN, 1997, p. 391.

<sup>57</sup> MCLEAN, 1997, p. 391.

A relação que isto tem com uma natureza divina da Bíblia é que, mesmo sendo questionável se realmente é isto que o texto quer dizer, McLean não questiona esta tradição machista (seja dele ou do próprio autor do texto) por acreditar que isto seria o que estaria no texto, e, mesmo se tivesse, sendo o texto divino, seria a realidade do agir do Espírito no Antigo Testamento, e, portanto, inquestionável. Neste sentido, apesar de importantes diferenças, a interpretação de McLean concernente ao agir pneumatológico veterotestamentário também é unilateral e falha em reconhecer a realidade do agir do Espírito para todo ser humano, inclusive, para fora do povo de Israel.<sup>58</sup>

### **3 RUMO À UM DESENVOLVIMENTO PNEUMATOLÓGICO RESPONSÁVEL**

No último ponto a ser trabalhado, apesar da perceptibilidade de pinceladas ao longo do texto, este ensaio pretende brevemente esboçar o que poderiam ser prolegômenos para o desenvolvimento de uma pneumatologia para a realidade global atualmente vivida, não apenas pela tradição pentecostal, mas pela Igreja Cristã. Assim, não será o intento deste tópico aprofundar ponto por ponto do que é este novo fazer teológico, ou, segundo Claude Geffré, um “como fazer teologia hoje”,<sup>59</sup> mas sim uma breve descrição de princípios hermenêutico-metodológicos que podem orientar no desenvolvimento de pressupostos teológicos que tem importantes consequências para conclusões teológicas. Todavia, estas conclusões não estão presentes apenas de forma

---

<sup>58</sup> Há diversos exemplos deste agir, sendo os dois mais explícitos e que representam épocas distintas o testemunho de Melqui-zedeq, rei de Salém e o sacerdote do Altíssimo Deus que abençoou Abraão (Gn 14.18-20), e o rei persa Ciro, o ungido (משיח - *Masshia*) de Deus escolhido para libertar Israel do cativeiro babilônico (Is. 45.1).

<sup>59</sup> GEFFRÉ, Claude. *Como Fazer Teologia Hoje*: hermenêutica teológica. São Paulo: Paulinas, 1989.

teórica, mas tem visíveis desdobramentos práticos, em especial para aquelas teologias que, inconscientes de seu caráter histórico, continuam reclusas em seus horizontes, possibilitando, em contrapartida, uma nova postura de diálogo teológico, uma maior comunhão cristã e uma mais profunda inserção pública.

O ponto de partida para esta teologia responsável é a consciência da historicidade do ser humano e de seu conhecimento, ou, como Martin Heidegger afirma, o ser enquanto ser interpretativo e, como consequência, a própria teologia enquanto hermenêutica de fé. É importante notar que esta posição de Heidegger é um aprofundamento ontológico do desenvolvido já em Schleiermacher, quem, todavia, não permaneceu apenas no desenvolvimento filosófico, mas levando adentro da teologia sua base epistemológica, reconheceu a necessidade de atualizações da compreensão do conteúdo e da forma da fé cristã através da relação dialógica entre ortodoxia e heterodoxia.<sup>60</sup>

Claude Geffré, na contemporaneidade, segue muito bem esta linha ao apresentar o contraste entre as duas posições teológicas que, para torna-la relevante, necessitam estar em constante diálogo: *dogmática* e *hermenêutica*. Segundo ele, sem o diálogo hermenêutico, o aspecto dogmático:

Tende a designar o uso ‘dogmatista’ da teologia, isto é, a pretensão de apresentar as verdades da fé de maneira autoritária, como garantidas unicamente pela *autoridade* do magistério ou da Bíblia, sem nenhuma preocupação com a verificação crítica concernente à verdade testemunhada pela Igreja.<sup>61</sup>

Enquanto que, o hermenêutico:

Evoca movimento de pensamento teológico que, pondo em relação viva o passado e o presente, expõe-se ao risco de interpre-

<sup>60</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *A Brief Outline on the Study of Theology*. Virginia, USA: John Knox, 1966, p. 74-76.

<sup>61</sup> GEFFRÉ, 1989, p. 63.

tação nova do cristianismo para hoje. Esta instância hermenêutica da teologia nos leva a uma concepção não-autoritária da autoridade, a uma concepção não-tradicional da tradição e a uma noção plural da verdade cristã.<sup>62</sup>

Apesar da tradicional construção pneumatológica pentecostal em cima da pergunta, a partir de um dualismo epistemológico (mais forte, como em Gilberto, ou menos, como em McLean), pela escolha entre revelação *ou* desenvolvimento teológico, a mudança no ponto de partida a partir da nova base hermenêutica é uma pergunta sobre esta pergunta (*ergo* o segundo ponto de interrogação no título), onde a pergunta passa a ser se a própria distinção e escolha seriam válidas, isto é, a partir da nova base epistemológica não dualista, não há mais uma oposição entre revelação e desenvolvimento teológico, mas uma revelação *enquanto* desenvolvimento teológico, não numa descrição da realidade sobrenatural ou transcendental a partir do natural ou imanente, mas uma descrição criticamente refletida da existência de fé experienciada.

Reconhecendo que todo fazer teológico possui pressupostos subjetivos que influenciam no teologizar, deve-se estar consciente de que estes muitas vezes não são contextuais, mas heranças de doutrinas que, se em algum momento foram libertadoras ou contribuíram num direcionamento existencial da fé (como uma teologia deve ser), hoje, fora de seu contexto, podem muito bem ser opressoras.

Assim, uma hermenêutica teológica, focando, pela análise, para a tradição pentecostal, não pode prender-se a uma leitura literalista da Bíblia, mas deve entrar em diálogo com o desenvolvimento acadêmico da teologia para criticamente construir bases em diálogo com outras áreas do conhecimento e, em contrapartida, dar sua mais legítima contribuição como chave hermenêutica pentecostal: o Espírito de Deus e a experiência de seu agir que mantém e transforma a realidade em todos os níveis. Portanto, a

---

<sup>62</sup> GEFFRÉ, 1989, p. 63.

*in-spiração* que pode ser tida como uma “revelação encarnada” (a partir de e para a história humana), trazida para dentro da reflexão teológica pela ênfase pentecostal no Espírito de Deus, é a conscientização daquilo que, menosprezado pela tradição, é o ponto de contato entre Deus, o mundo e o ser humano, ou, como Hans Küng expõe: a própria presença de Deus e do Cristo “no Espírito, pelo Espírito e, de fato, como Espírito”.<sup>63</sup>

Tendo esta postura hermenêutica e experiencial da existência humana e da natureza do fazer teológico, a teologia, enquanto cristã, para não cair em especulações subjetivistas, necessita partir de um conteúdo essencial primário e em comum, a Bíblia, como tradição escrita das perspectivas e interpretações humanas sobre o agir de Deus pelo seu Espírito, com o ápice deste em Jesus, o Cristo, resultando na identificação destes escritos como “textos fundadores que testemunham a experiência cristã originária”.<sup>64</sup> Assim, consciente do caráter linguístico religioso e contextual, metafórico e existencial, que compõe estes escritos, pode-se parafrasear Hans Küng, dizendo que, querendo-se levar a Bíblia a sério, não se pode entendê-la ao “pé da letra”.<sup>65</sup>

Portanto, mesmo tendo esta base por comum, e apesar do caráter hermenêutico, a teologia não pode aceitar ser construída em cima de interpretações quaisquer da Bíblia, cujas consequências podem até mesmo ser eticamente questionáveis, mas deve estar fundamentada no anseio da busca pelo diálogo metodologicamente crítico procurando a (re)construção da interpretação de Deus e de seu agir libertador na história a partir da relação entre as perspectivas e interpretações de seu agir nas tradições e hoje.

---

<sup>63</sup> KÜNG, Hans. *Does God Exist?* New York, USA: Doubleday & Company, 1980, p. 696. (tradução própria).

<sup>64</sup> BARROS, Marcos A. História, Hermenêutica e Revelação: o lugar da história do cristianismo na reflexão teológica. In: DREHER, Martin N.; SIEPIERSKI, Paulo D. *História da Igreja em debate: um simpósio*. São Paulo, SP: ASTE, 1994. p. 68.

<sup>65</sup> KÜNG, Hans. *O Princípio de Todas as Coisas: ciências naturais e religião*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 7.

Noutro ponto, este ensaio concorda com McLean de que a realidade do Espírito Santo pode ser apenas apreendida pela experiência de seu agir, contudo, compreende que este é primordialmente uma experiência histórica existencialmente libertadora e renovadora. Contudo, para ser completa, a construção de uma teologia pneumatológica não pode apenas partir e focar um aspecto de um nível da atuação do Espírito na realidade, o subjetivo, mas deve abranger toda a existência para que a compreensão do agir de Deus possa se expandir e nosso horizonte ver a relação interdependente dos níveis da realidade. Portanto, para construir uma pneumatologia sobre o agir do Espírito de Deus, antes de escolher as chaves hermenêuticas com as quais interpretá-lo, deve-se esclarecer os níveis da realidade nos quais age, fazendo com que a consciência da multiplicidade deste agir esteja pré-estabelecida, e, em relação com a epistemologia e ontologia anteriormente apresentadas, esteja pré-determinada a aceitação da possibilidade de uma multiplicidade de interpretações desse.

Em primeiro lugar, é necessário estar claro que, ao tratar da abrangência histórica do agir do Espírito, deve-se partir do mesmo princípio de João 1.1, isto é, assim como o Logos, a partir da compreensão cristã, deve preceder ontologicamente tudo, “há uma história do Espírito que excede o quadro da história de Israel e da história da Igreja, que ultrapassa também o quadro das grandes religiões do mundo”,<sup>66</sup> não cabendo ao ser humano, então, aprisioná-lo a nenhuma “era”. Em segundo lugar, falando da realidade e de toda a existência, a partir da perspectiva humana, pode-se dizer que há três níveis fundamentais nos quais o agir do Espírito ocorreria e que precisam estar no pressuposto e no objetivo de qualquer pneumatologia (e teologia como um todo): o pessoal (o eu), o coletivo/comunitário (o nós) e o cósmico (o todo). Este ensaio parte da premissa de que estes três níveis podem englobar a

---

<sup>66</sup> GEFFRÉ, 1989, p. 201.

existência humana e, numa inter-relação, mostrar a interdependência orgânica da realidade como constituída pelo e no Espírito. Com isto, como todo falar teológico é um falar humano, e como todo ponto de partida é subjetivo, não há a possibilidade de objetivamente se falar do ser do Espírito Divino, mas há como falar daquilo que é experienciado e interpretado (na tradição e atualmente) como sendo seu agir nestes três níveis da existência.

Levando em conta os níveis essenciais da existência (individual, coletivo/comunitário e cósmico), uma das chaves para a compreensão do agir do Espírito pode ser tida como a união que ele produz e quer produzir a partir de uma nova consciência que tem em Deus (isto é, em Si) o fundamento da realidade e, conseqüentemente, uma consciência da dependência coletiva da existência neste.

No nível individual, como dito anteriormente, a principal experiência que o Espírito produz é uma renovação libertadora e existencial do “eu” que implica numa nova consciência de vida, uma nova visão de mundo que tem por base a fé em Deus como o fundamento da existência como expressão de amor, essência da dependência e existência humana, expressos tanto por Jesus, o Cristo, quanto pela subsequente interpretação de sua mensagem e de seu ser, definindo o conteúdo essencial do cristianismo como reconciliação amorosa do ser humano dependente com o donde de sua dependência, Deus, a partir do Λόγος.

No nível coletivo/comunitário, o Espírito age na união libertadora que estabelece entre o um e o próximo onde, sendo ambos imagem e semelhança de Deus, independente de seu gênero, situação social ou posição religiosa, servem como sua presença concreta, fazendo com que a relação com Deus e a dependência neste pela existência do “eu”, sejam indissolúvelmente unidos a uma relação com o próximo e interdependência do “nós”, seja este como seres humanos e presença coletiva de Deus na terra, ou como comunidade cristã e presença corporal do Cristo, sempre

atentos e direcionados pelo amor à luta em prol da justiça libertadora para toda existência interdependente.

No nível cósmico, a interdependência é elevada ao nível de relação orgânica de toda a realidade,<sup>67</sup> onde todas as ações do “eu” e do “nós” resultam em modificações da realidade material (ações) e imaterial (mentalidades) na qual subsistimos e, inversamente, confluem em concretas repercussões à nossa existência e vivência, restando, a partir do agir do Espírito neste nível, como Leonardo Boff expõe, daquele “momento de nossa consciência pessoal que nos permite sentirmos parte e parcela de um Todo que nos ultrapassa por todos os lados”,<sup>68</sup> a conscientização do todo da criação como obra do Criador a ser cuidada com ternura pela interdependência existente da existência.

A principal consequência a ser ressaltada neste último ponto é que, a partir da postura trazida pela consciência hermenêutica do fazer teológico e a construção da pneumatologia como agir do Espírito na união do ser humano com Deus (agir individual), com o próximo (agir coletivo/comunitário) e com o mundo (agir cósmico), a teologia e a prática comunitária podem ser tidas como metodologicamente e ecumenicamente responsáveis.

Esta postura é desenvolvida a partir de bases metodológicas que propiciam a análise exegética na busca das melhores compreensões possíveis das tradições a partir e para hoje. Tornando-se, assim, um fazer teológico existencialmente relevante que entra em diálogo com outros desenvolvimentos por já não mais ver neles uma “heresia” ou “distorção” do Evangelho, mas contribuições na expansão do conhecimento do agir do Espírito de Deus, sendo, portanto, aberto para criticamente contribuir na

---

<sup>67</sup> WELKER, Michael. O Espírito de Deus – Um problema experimental do mundo atual? In: *O Espírito de Deus: Teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 41-48.

<sup>68</sup> BOFF, Leonardo. *A Força da Ternura*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 23.

construção da unidade no Evangelho em meio às individualidades em que este pode ser experienciado e interpretado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da pneumatologia dos dois teólogos pentecostais, Antônio Gilberto e Mark McLean, foi possível perceber que, mesmo se tratando da pneumatologia pentecostal, que, mormente, possui a postura de reivindicação de uma revelação divina como sendo a fonte da “mera” exposição de uma *Teologia*, a teologia deve ser tida como um fazer teológico oriundo de um teólogo que desenvolve seu pensamento dentro de um contexto e dentro de uma visão de mundo que, consciente ou inconscientemente, orienta sua leitura bíblica e, conseqüentemente, suas formulações doutrinárias. Para exemplificar, além de analisadas, foram comparadas as duas posições desses dois teólogos das Assembleias de Deus para demonstrar a discrepância entre as estruturas pneumatológicas desde os pressupostos até as conseqüências. Dentro desta comparação, como conclusão, foi possível perceber que os pressupostos e as conseqüências de McLean são posições teológicas divergentes das de Gilberto e que, diferente deste, possibilitam certo diálogo acadêmico da teologia e, assim, uma abertura ecumênica para o diálogo entre as igrejas cristãs.

Contudo, esta abertura de McLean ainda é relativamente estrita, pois possui momentos que dão margem para uma reivindicação de um desenvolvimento teológico como *Teologia*, isto é, em determinados momentos, é perceptível a predominância de um conteúdo teológico que, segundo ele, seria mais bíblicamente correto, e, assim, mais de acordo com a “doutrina do Senhor”, e isto, primordialmente, em oposição a um desenvolvimento acadêmico que estaria numa “batalha” contra o Deus bíblico. Assim, como último ponto, foram apresentados alguns princípios que podem servir como prolegômenos para um desenvolvimento teológico mais

consciente e, subsequentemente, uma pneumatologia metodologicamente embasada e ecumenicamente aberta. Ainda em diálogo com o pentecostalismo, ao fazer uma pneumatologia, esse movimento, agora, hermenêutica e metodologicamente embasado, deve ter em mente o principal pressuposto que trouxe à tona, baseando o fazer teológico pentecostal não em doutrinas exegeticamente questionáveis, mas em uma realidade, aquilo que deve ser seu mais notável aspecto ao fazer teologia: a experiência no (e do) mundo, na (e da) sociedade e em mim do encarnado agir libertador e reconciliador do Espírito que é Deus e que está para além, até mesmo, de nossas interpretações.

## REFERÊNCIAS

- A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008.
- ANDRADE, Claudionor C. Bibliologia: a doutrina das Escrituras. In: GILBERTO, Antônio (Ed.). *Teologia sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2008. p. 17-48.
- ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007.
- BARROS, Marcos A. História, Hermenêutica e Revelação: o lugar da história do cristianismo na reflexão teológica. In: DREHER, Martin N.; SIEPIERSKI, Paulo D. *História da igreja em debate: um simpósio*. São Paulo: ASTE, 1994. p. 63-77.
- BASS, Clarence B. *Backgrounds to dispensationalism*. Michigan, USA: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960.
- BOFF, Leonardo. *A força da ternura*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GILBERTO, Antônio. Pneumatologia: a doutrina do Espírito Santo. In: GILBERTO, Antônio (Ed.). *Teologia sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2008. p. 171-244.
- GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: UNISINOS, 1998.
- HÄGGLUND, Bengt. *História da teologia*. Tradução REHFELDT, Mário L; REHFELDT, Gládis K. 7. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. *Being and time*. Oxford, UK: Blackwell, 2001.
- KÜNG, Hans. *Does God exist?* New York, USA: Doubleday & Company, 1980.
- \_\_\_\_\_. *O princípio de todas as coisas: ciências naturais e religião*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MCLEAN, Mark. D. O Espírito Santo. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997. p. 383-404.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *A brief outline on the study of theology*. Virginia, USA: John Knox, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Hermeneutics: the handwritten manuscripts*. KIMMERLE, Heiz (Ed.). Georgia, USA: Scholars, 1997.

WELKER, Michael. O Espírito de Deus – Um problema experimental do mundo atual? In: *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

ZILLES, Urban. *Filosofia da religião*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2009.